

Notícias do Brasil: as cartas de Elizabeth Bishop e a re-descoberta do eu-viajante

Profa. Dra. Magali Sperling Beck¹ (UFSC)

Resumo:

Entre os anos de 1952 e 1970, Elizabeth Bishop viveu no Brasil, local repleto de possibilidades, mas ao mesmo tempo de angústias, já que não facilmente traduzido em relação ao seu passado norte-americano. Apesar desta experiência causar uma ruptura de conhecimento, esta traz também o encontro com a diferença, levando Bishop a se “re-descobrir” enquanto “re-descobre” a terra brasileira. Tais re-descobertas vão sendo escritas de uma forma muito particular: através das cartas que ela envia, da América do Sul, a amigos na América do Norte. Nestas cartas, a escritora explora seu imaginário sobre o país como também sobre seu papel enquanto “escritora” neste novo local. Neste trabalho, apresento uma discussão sobre as cartas escritas por Bishop quando chega ao Brasil pois, através delas, a escritora se permite “criar” e “representar” suas experiências, negociando sua posição enquanto possível mediadora de um outro cultural brasileiro.

Palavras-chave: literatura de viagem, cartas, Elizabeth Bishop, Brasil.

Entre os anos de 1952 e 1970, a escritora americana Elizabeth Bishop viveu no Brasil, na maior parte do tempo em Petrópolis, Rio de Janeiro, com sua então companheira Lota de Macedo Soares. Apesar de sua experiência no Brasil causar, para Bishop, o que poderia ser considerada uma ruptura de conhecimento, esta traz também o encontro com a diferença, o que a possibilita se “re-descobrir” enquanto “re-descobre” a terra brasileira. Tais re-descobertas vão sendo escritas, por Bishop, de uma forma muito particular: através das cartas que envia, da América do Sul, a amigos e colegas na América do Norte. Em uma das cartas de setembro de 1952, quase um ano após sua chegada, Bishop escreve: “Indo contra todas as teorias corretas sobre escapismo, exílio, e os fatos horríveis sobre a condição do Brasil, eu gosto cada vez mais de morar aqui” (minha tradução, 1994, p. 247). Nota-se, então, que em suas cartas, a escritora explora seu imaginário sobre o país como também sobre seu papel enquanto “escritora” neste novo local. No entanto, mesmo antes de morar no Brasil, Bishop já praticava e refletia sobre a experiência da viagem e do cruzamento de fronteiras. Além de ter morado e viajado em vários locais dentro dos Estados Unidos, Bishop já havia estado na Europa, em Marrocos e no México. Assim, é interessante perceber que algumas de suas reflexões sobre os atos de viajar e escrever já a acompanhavam e parecem se intensificar com sua chegada ao Brasil.

Como muitos críticos já notaram, Bishop deixou em seus escritos rotas indicando possíveis mapeamentos tanto de sua poética como também de sua vida e, muitas vezes, sua poesia nos provoca a re-descobrir e re-pensar paisagens antes vistas como familiares. O poema “O Mapa”, mesmo sendo um dos primeiros textos publicados pela autora, já poderia ser visto como um exemplo.¹ Através da reconstrução do momento de leitura de um mapa, Bishop nos leva a repensar sobre nosso processo de interpretação de imagens convencionalmente aceitas como representações diretas da “realidade”. Como nos diz a primeira estrofe do poema:²

Terra entre águas, sombreada de verde.
Sombras, talvez rasos, lhe traçam o contorno,

¹ “O Mapa” foi publicado pela primeira vez na coletânea *Trial Balances*, organizada por Ann Winslow (Nova Iorque: Macmillan, 1935, p. 78-79) e abre a primeira coletânea de Bishop, intitulada *North and South* e publicada em 1946.

² Cito aqui a tradução feita do poema “O Mapa” por Paulo Henriques Britto em *Poemas Escolhidos*. Ver Referências Bibliográficas para citação completa.

uma linha de recifes, algas como adorno,
riscando o azul singelo com seu verde.
Ou a terra avança sobre o mar e o levanta
e abarca, sem bulir suas águas lentas?
Ao longo das praias pardacentas
será que a terra puxa o mar e o levanta? (2012, p.73)

Parece curioso ou até mesmo paradoxal sugerir uma reflexão sobre um dos primeiros poemas de Bishop, principalmente tendo em vista as publicações recentes que foram feitas de sua obra. Como apontam Cleghorn, Hicok e Travisano, organizadores do livro *Elizabeth Bishop in the 21st Century*, “nossa imagem de [Bishop] como escritora e como pessoa está passando por uma grande mudança nos últimos anos devido à publicação de três novas edições de seu trabalho” (minha tradução, 2012, p. 1). Entre as obras mencionadas pelos críticos estão *Edgar Allan Poe and the Juke Box*, publicada em 2006 e editada por Alice Quinn, e *Elizabeth Bishop: Poems, Prose, and Letters*, editada por Robert Giroux e Lloyd Schwartz, e publicada em 2008 – tais livros reúnem poemas, rascunhos, ensaios, cartas e outros fragmentos não publicados durante a vida de Bishop. Além destes, os críticos também citam *Words in the Air* (obra que inclui a correspondência completa entre Elizabeth Bishop e Robert Lowell), publicada em 2008. No entanto, mesmo neste espaço para novos mapeamentos da cartografia de Bishop, torna-se significativo voltarmos nosso olhar sobre questões que percorriam sua obra desde o início de sua carreira – questões estas que dialogam com o material recentemente compilado, como também com suas reflexões sobre seu papel enquanto escritora de cartas, e, mais especificamente para este trabalho, como “correspondente” do Brasil.

Retomando brevemente o poema, percebe-se, por exemplo, que na “leitura” deste mapa apresenta-se uma reflexão sobre a conexão intrínseca entre observador e observado. No poema, a ideia de um mapa como referente (ou referência) é desafiada já que a descrição apresentada dos elementos geográficos presentes no texto (tais como a terra, o mar, as penínsulas e baías) revelam mais sobre a tentativa do eu-lírico de reconstruir o movimento ou a vida imbuída nestes elementos do que uma tentativa de moldá-los em um retrato referencial mas ao mesmo tempo estático e sem vida. Assim, no poema, as baías podem ser afagadas, “como se fossem florir / ou para servir de aquário a peixes invisíveis” e “[a]s penínsulas pegam a água entre polegar e indicador / como mulheres apalpando pano antes de comprar” (2012, p. 73). Vemos então que até mesmo uma construção cartográfica convencional pode deixar transparecer a particularidade, ou talvez a materialidade, da experiência sendo representada, demonstrando assim a sutil ligação entre sujeito e objeto de representação - observador e observado. Como nos diz os últimos versos do poema: “mais sutis que as do historiador são do cartógrafo as cores” (2012, p. 73).

Além de sinalizar um possível interesse de Bishop em refletir sobre questões de representação, o poema “O Mapa” também revela a fascinação da autora pela geografia. Em toda sua obra, Bishop apresenta uma grande variedade de locais e culturas diferentes, as quais criam uma (nova) rota cartográfica para nossa leitura das imagens que ela coletou e pintou durante seus muitos deslocamentos geográficos. Nota-se uma dialética constante entre o que James Clifford chamou de “rotas e raízes” – ou o diálogo entre os caminhos percorridos e seus pontos de partida (1997, p. 3); e como sugere Jonathan Ellis, a obra de Bishop demonstra mais um interesse no “movimento entre os lugares” do que no envolvimento do eu em uma única localização (2001, p. 467). Dessa forma, a representação de distâncias percorridas, para Bishop, enfatizaria a possibilidade de relações entre diferentes espaços geográficos, mas não seguindo necessariamente o que poderia ser chamada de uma lógica binária de comparação, e sim uma forma criativa (mesmo que provisória) de estabelecer um diálogo entre localidades e culturas.

Como o poema “O Mapa” sugere, limites e fronteiras criam a impressão de ordenação da experiência, mas ao mesmo tempo demonstram a fragilidade dos “moldes” usados em nossas representações. A sugestão de que neste mapa “Os nomes dos portos se espriam pelo mar, / os nomes das cidades sobem as serras vizinhas” (2012, p. 73) parece nos dizer que nossas tentativas de

“contenção” de significados são também provisórias. E segundo Sara Meyer, “o mapa como metáfora sugere a forma como construímos sentido e identidade através de processos de posicionamento” (minha tradução, 2001, p. 238). No entanto, este posicionamento, para Meyer, parte das relações envolvidas em organizações espaciais, e de como o sujeito percebe tais relações. É justamente no que Meyer chama de “lógica cartográfica” (a qual prevê a procura de novos significados em processos de posicionamento) e no que Jonathan Ellis percebe como “movimento entre os lugares” que eu gostaria de inserir esta breve leitura de algumas das primeiras cartas escritas por Bishop no e sobre o Brasil e coletadas no livro *One Art*, já que o próprio ato de se “corresponder” nos possibilita trabalhar com o cruzamento de fronteiras, extrapolando os limites do “contido,” e re-criando assim narrativas sobre os encontros do “eu” com outros culturais.

É importante ressaltar que a “escritura de cartas” para Bishop ocupava um papel fundamental no seu imaginário e na sua prática literária. Como nos lembram os críticos Siobhan Phillips e Jonathan Ellis, para Bishop tal escritura representava um gênero em si mesmo (2012, p. 344). Ela não somente dedicava horas de trabalho escrevendo cartas como também lia vorazmente a correspondência publicada de vários poetas e escritores (Phillips, 2012, p. 344). Para Phillips, a dedicação de Bishop a sua correspondência pessoal poderia ser vista não somente como uma fonte de material biográfico da escritora, mas também como uma discussão sobre a ética da escritura de cartas. Para este crítico, a prática de Bishop de se corresponder com amigos, colegas, editores, entre outros, e as reflexões que ela deixou (não somente em cartas, como também na forma de poemas –publicados ou não) sobre o ato de se corresponder, demonstram o potencial dialético desta troca de cartas. Ao invés de marcar a separação de dois pontos de comunicação, o escrever cartas recriaria ligações entre o eu e o outro, o que, para Phillips representaria as inter-relações de subjetividade presentes no texto da carta (2012, p. 344-347).

Apesar da discussão de Phillips ser extremamente interessante, o que me chama a atenção aqui é justamente este re-encontro entre o eu e o outro que deixa transparecer questões já presentes na poesia de Bishop desde a publicação de “O Mapa”. Vemos uma necessidade de se pensar a extrapolação de limites como também a “vida” ou o “movimento” por trás daquilo que está aparentemente contido - como é o caso do próprio espaço da carta. No ato de se corresponder (e pensando-se aqui especificamente na correspondência de Bishop no Brasil), o espaço “localizado” da carta (com seu endereço de Petrópolis ou do apartamento do Leme, no RJ, ou de algum outro espaço culturalmente marcado) é ao mesmo tempo posto em movimento, se deslocando por fronteiras até chegar a seu possível destino final. É neste espaço, ao mesmo tempo doméstico e em trânsito, que Bishop delineia suas primeiras impressões e reflexões sobre o Brasil: a carta, para Bishop, torna-se, em um primeiro momento, um local privilegiado para refletir sobre sua experiência enquanto viajante (estrangeira) e também enquanto nova habitante de um Brasil sendo re-descoberto por ela.³

Como sugere Brett Millier, apesar da própria Bishop algumas vezes sugerir que estava tendo dificuldade para voltar a escrever depois de sua chegada ao Brasil, ela na verdade estava trabalhando e produzindo através de suas cartas (1993, p. 259). Ela inclusive procurou elaborar poeticamente sobre o ato de se corresponder e “mandar notícias” do Brasil. Este é o caso, por exemplo, de um dos poemas reunidos na antologia *Edgar Allan Poe and the Juke Box* e intitulado “*Letter for two friends*” ou “Carta para dois amigos” (minha tradução). Tal poema reflete, entre outras questões, a ansiedade da autora em não conseguir finalizar poemas, como vemos nos seguintes versos: “em um momento durante a noite / o poema que tentava escrever / transformou-se em preposições: / nos e sobres e aos / ...” (minha tradução, 2006, p. 113), e ainda nos versos, “Marianne, empreste-me um substantivo! / Cal, telegrafe um verbo, por favor!” (minha tradução,

³ Para outras considerações sobre o posicionamento de Bishop enquanto, ao mesmo tempo, “estrangeira” e “local” (ou *Foreign / Domestic*, como ela mesma sugeriu em possível título de um dos poemas compilados em *Edgar Allan Poe and the Juke Box*), ver a discussão apresentada por Barbara Page e Carmen Oliveira em “Foreign-Domestic: Elizabeth Bishop at home / not at home in Brazil”, publicada no livro *Elizabeth Bishop in the 21st Century: Reading the New Editions* (2012).

2006, p. 113). A sugestão da escritora de que lhe faltaria linguagem poética para terminar o poema constituiria certamente uma discussão intrigante sobre sua produção literária; no entanto, gostaria de focar aqui nos últimos versos desta carta-poema, onde o eu-lírico parece elaborar justamente a ambiguidade de seu posicionamento em um novo espaço cultural:

sem talento para línguas
e menos ainda para gestos
 mas meu dólar sobe & sobe –
troca ansiedade
com um visto quase perdendo a validade,
e um carro com um único pneu bom -- Brasil, “de onde as nozes
 vêm” (minha tradução, 2006, p. 114).

O trocadilho do último verso se perde em português, já que a palavra nozes (*nuts* em inglês) também pode ser usada coloquialmente com o sentido de “loucos” ou “doidos” (leríamos então algo como “Brasil, de onde as nozes ou os loucos vêm”). Tal trocadilho, nada convencional se pensarmos na obra poética publicada de Bishop, reflete justamente um sentimento de aparente ambiguidade e confusão, presente não somente neste poema em processo de elaboração como também nas cartas que enviava do Brasil nos primeiros anos no país. No entanto, ao invés de abordar tal ambiguidade como a reinserção de um posicionamento privilegiado da viajante norte-americana no espaço cultural brasileiro, vejo as reflexões de Bishop sobre suas primeiras tentativas de pensar o Brasil como extensões da sua preocupação com o processo de escrever e representar, particularmente no que envolveria as relações entre observador e observado. Como o poema “Carta para dois amigos” parece sugerir, há um desconforto no posicionamento do eu em relação ao espaço narrado: a voz lírica sugere sua própria falibilidade (fragilidade) no entendimento do outro, já que se vê como não tendo dom nem para línguas nem para gestos, e o posicionamento da palavra troca (*exchange*) ao lado de ansiedade (*anxiety*) marca não somente a troca econômica do dólar (em vantagem em relação à moeda brasileira) mas também sugere a sensação de mudança, de possível transformação (ou quem sabe “contaminação”), do observador pelo local viajado (observado).

Esta transformação, algumas vezes denominada por Bishop de “confusão de sentidos”, é elaborada em suas cartas, à medida que a escritora procura retratar suas sensações e experiências do que vê e vive no Brasil. Como podemos perceber desde a famosa carta de Bishop à Marianne More, de fevereiro de 1952, a descrição da natureza a sua volta torna-se emblemática de muito do que ainda viria a escrever. Nesta carta, ela descreve o cenário de Petrópolis como sendo “um tipo de combinação-onírica de vida animal e vegetal. Eu realmente não consigo acreditar nisso tudo. Além das montanhas altamente impraticáveis a nossa volta e das nuvens que vagam pra dentro e pra fora do quarto de alguém, tem também cachoeiras, orquídeas, todas as flores que conheço de Key West, como ainda maçãs e peras [encontradas em] lugares ainda mais ao norte” (p. 236).⁴ Estes primeiros escritos do Brasil demonstram a percepção de Bishop em relação ao inesperado deste cenário, o qual parece existir somente em sonho já que é “impraticável”, “excessivo” mas que, ao mesmo tempo, invade o imaginário (e quem sabe a privacidade) da observadora (como as nuvens que entram e saem dos quartos, por exemplo).

Segundo Victoria Harrison, “enquanto recém-chegada, Bishop se via intrigada com qualquer coisa que pudesse surpreende-la” (minha tradução, 1993, p. 146), e é esta curiosidade que deixa transparecer em seus escritos, principalmente para amigos como Marianne More, os quais dividiam com ela o interesse nas observações e nos detalhes da vida ao seu redor. Assim, o Brasil começa a ser reconstruído por Bishop enquanto paraíso natural que impressiona com a riqueza de sua flora e

⁴ Todas as citações das cartas de Bishop são retiradas da obra *One Art* de 1994 e foram traduzidas por mim. Ver Referências Bibliográficas para citação completa.

fauna, descritos pela autora de uma forma muito particular. Em suas cartas, o vale nos arredores da casa em Petrópolis “se enche de nevoeiro como se fosse um pote de leite” (p. 239) e um “pequeno [pássaro] preto [...], com sua parceira, pula para cima e para baixo de um galho [...] como se fosse uma pequena bola de borracha” (p. 243), e até mesmo a fruta da jabuticaba parece “mágica” já que “aparece nos galhos, diretamente na madeira” (p. 246). A diferença da natureza ao seu redor não é somente observada de um ponto distante, mas diretamente afeta a observadora, e como Bishop nos diz: “[...] meu sangue Anglo-Saxão está gradualmente renunciando a seu ciclo sazonal e estou bastante contente por viver em completa confusão em relação às estações, frutas, línguas, geografia, tudo” (p. 243). Vemos assim que a própria posição da escritora enquanto observadora é remarcada / re-mapeada pela experiência material de sua vivência no Brasil.

Este olhar que “re-descobre” a vida natural ao seu redor será poeticamente e criticamente trabalhado por Bishop mais tarde em poemas como “*Brazil, January 1, 1501*” ou “*Questions of Travel*”, nos quais a voz poética resgata o discurso histórico da viagem e desafia o olhar colonial e neo-colonial sobre terras estrangeiras. Mas tais questões também são abordadas em suas cartas, principalmente ao dar-se conta de seu interesse em ler narrativas de viagens produzidas por outros viajantes estrangeiros em terras brasileiras. Em cartas de fevereiro e de abril de 1953, Bishop menciona os diários de Darwin no *Beagle* e quão admirada ficou com sua obra, descrita por ela como “maravilhosa” (p. 257). Em carta de dezembro de 1953, Bishop menciona o livro *A Naturalist in Brazil*, descrito como “um relato da flora e fauna feito à moda antiga e muito bom” (p. 279), e em outra carta deste mesmo período Bishop lista as leituras que havia feito, as quais incluíam “todos os *memoirs* sobre viagens no Brasil que o Conselho Britânico tem” (p. 283). Com tais afirmações e referências, talvez possamos dizer que Bishop buscava posicionar o seu olhar sobre o Brasil em diálogo com outros olhares estrangeiros, ou em movimento, resgatando assim um arquivo de narrativas de viagem, o qual seria relido por ela a fim de re-mapear seu posicionamento em terras brasileiras.

No entanto, ao mesmo tempo em que Bishop retoma o discurso deste “eu-viajante”, ela também deixa transparecer em suas cartas sua localização, um tanto quanto “doméstica”, na casa que passa a habitar com Lota, reconstruindo assim a vida privada, e o espaço marcado da casa de Samambaia, em Petrópolis. Em muitas destas primeiras cartas, Bishop descreve detalhadamente o trabalho de construção e finalização da casa projetada / idealizada por Lota, a qual passa a ser tanto seu refúgio, quanto o espaço de onde partiriam suas re-descobertas do Brasil. Bishop descreve sua rotina nesta casa, seus afazeres (que envolvem, por exemplo, a preparação das refeições), como também suas relações com as pessoas que trabalhavam e visitavam a casa. Além disso, em cartas de dezembro de 1952, Bishop fala sobre sua alegria em ver seu estúdio quase pronto e sobre a sensação de conforto em saber que teria um espaço “seu” de onde trabalhar e, é claro, “observar” a vida ao seu redor. Tais descrições demonstram de que forma Bishop passou gradualmente a habitar este novo espaço e nos ajudam a perceber a relação de proximidade / intimidade com que re-descobre o Brasil a sua volta.

Será que poderíamos então dizer que as cartas de Bishop apresentariam uma reconfiguração do que teóricos como James Clifford chamaram de “habitar a viagem” (*dwelling in travelling*)? A viagem, para Clifford, é entendida como um espaço de deslocamentos geográficos e encontros culturais marcados por seus legados históricos. Segundo o autor, o discurso da viagem está inevitavelmente associado a questões de gênero, raça, classe, entre outras (1997, p. 30). Assim, narrativas que elaboram sobre o cruzamento de fronteiras e sobre a prática de habitar o deslocamento poderiam ser lidas não somente como um espaço de celebração de identidades desestabilizadas, mas também como um espaço para questionamentos sobre representações e traduções de encontros culturais. É neste contexto que vejo as cartas de Bishop sobre seus primeiros anos no Brasil: como um local de re-mapeamentos deste ato aparentemente paradoxal de “habitar” a viagem. Ao enviar as “notícias” do Brasil para a América do Norte, Bishop re-elabora as ambiguidades de seu posicionamento enquanto “escritora” deste país – ambiguidades estas presentes em poemas como “Carta para dois amigos”, por exemplo. No entanto, o retrato que pinta

do Brasil não é “estático” ou “imóvel” – da mesma forma que, na poesia de Bishop, a leitura de um mapa pode revelar subitamente a vida por trás da representação, suas cartas revelam que, mais do que catalogar o Brasil, Bishop narrava a si mesma, desafiando seus próprios limites enquanto “escritora do eu-viajante”.

Referências Bibliográficas

- 1] Bishop, Elizabeth. *Poemas Escolhidos*. Paulo Henriques Britto (Tradução e organização). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- 2] _____. *Edgar Allan Poe & the Juke-Box: Uncollected Poems, Drafts, and Fragments*. Ed. Alice Quinn. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2006.
- 3] _____. *One Art: Letters*. Ed. Robert Giroux. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1994.
- 4] Cleghorn, Angus, Hicok, Bethany, e Trivisano, Thomas. *Elizabeth Bishop in the 21st Century: Reading the New Editions*. University of Virginia Press, 2012.
- 5] Clifford, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth-Century*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- 6] Ellis, Jonathan. “Elizabeth Bishop: North & South.” In: *A Companion to Twentieth-Century Poetry*. Ed. Neil Roberts. Oxford; Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 2001. 457-468
- 7] Harrison, Victoria. *Elizabeth Bishop’s Poetics of Intimacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- 8] Meyer, Sara. “‘Another Attempt at Mastering Infinity:’ Elizabeth Bishop’s Art of Map-making.” In: *Divisions of the Heart: Elizabeth Bishop and the Art of Memory and Place*. Eds. Sandra Barry, Gwendolyn Davies, and Peter Sanger. Wolfville, N.S.: Gaspereau Press, 2001. 237-247.
- 9] Millier, Brett C. *Elizabeth Bishop: Life and the Memory of It*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- 10] Phillips, Siobhan. “Elizabeth Bishop and the ethics of correspondence.” In: *Modernism/modernity* (19:2): 2012. (324-363). Acessado em: [http://academia.edu/1879489/Elizabeth Bishop and the Ethics of Correspondence](http://academia.edu/1879489/Elizabeth_Bishop_and_the_Ethics_of_Correspondence)

iAutora

Magali SPERLING BECK, Profa. Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente

E-mail magalisperling@gmail.com